

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 49 — VOL. III.

Sabbado 10 de Dezembro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANGO — Anno . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — De Goa para Lisboa pelo Cabo da Boa-Esperança, conclusão — Hollanda, conclusão — Quadras historicas, continuação — Villa de Ponte de Lima — Bazar em Jaffa — Praça do commercio de Tivoli — Ha sessenta annos, continuação — Duas mulheres da epoca, continuação — O amor e o dever, conclusão — No album do meu amigo José Rodrigues — Sonetos.

GRAVURAS — Bazar de Jaffa — Villa de Ponte de Lima — Praça do paço dos arcebispos em Braga — Praça do mercado de Tivoli.

Historia da actualidade.

Principiaram as operações de guerra em Marrocos, repellindo os hespanhoes as forças marroquinas que intentam obstar-lhes ás fortificações.

N'um dos ataques em que os barbaros se apresentaram em força maior de seis mil homens, foram repellidos, com a perda calculada em mil mortos e feridos.

Os hespanhoes estão intrincheirando o campo de Otero, que é na frente do sitio intitulado a Casa Vermelha.

Em Tetuão, e em todo o campo marroquino o cholera faz grandes estragos.

Muley Abbas, generalissimo dos barbaros, já tomou o commando das forças em operações.

Ainda está desembarcando em Africa o material de guerra, e o general em chefe hespanhol espera que se conclua para proseguir vigorosamente as operações.

Em Hespanha continua o mesmo enthusiasmo em favor d'esta guerra, alimentado cada vez mais pelas diarias participações que chegam do campo de operações, dando sempre repellido o inimigo em todas as tentativas, como já dissemos.

A cavallaria marroquina ainda não entrou em acção, e os hespanhoes estão desejosos de a ver manobrar.

Esta guerra occupa tanto a attenção geral em Paris, que escrevem da capital do imperio francez, que por ella se chega a esquecer a questão italiana.

Teem-se aplauado todas as difficuldades para o congresso, e já ha declaração das nomeações de varios plenipotenciarios.

Consta que os de Portugal serão os senhores conde de Lavradio, e visconde de Paiva.

Os representantés da Sardenha serão Cavour e Desambrois.

O principe Jeronymo está atacado de uma inflammação pulmonar, e o seu estado é grave.

Já o principe de Metternich apresentou em

Paris as suas credenciaes na qualidade de ministro plenipotenciario da Austria n'aquella córte.

Tanto este personagem no discurso de apresentação, como o imperador na resposta que lhe deu, fallaram nos grandes desejos de ambas as córtes estreitarem e consolidarem a boa harmonia entre ambos os paizes.

O governo inglez consignou á commissão das fortificações cem mil libras esterlinas para fortificar os arsenaes.

Espera-se que esta somma se levante por meio de emprestimo.

Napoles e Roma já adheriram ao congresso.

O coronel do regimento de Granada D. Miguel Trillo cathequizou um hebreu de dezenove annos, de familia que havia emigrado de Marrocos, o qual, regenerado pelas aguas do baptismo, tomou o nome de Francisco d'Assis, e quer assentar praça para combater os moiros.

Hade reunir-se em Berlin, no mez de Fevereiro do proximo anno, um congresso de representantes de todas as corporações de negociantes, e das camaras de commercio do paiz, o qual será a primeira dieta commercial da Prussia.

No dia 30 do mez passado teve lugar em Londres uma reunião de armadores e constructores para se examinar a situação desfavoravel em que se encontra a navegação em Inglaterra, e discutir os meios de a remediar.

Este meeting redigiu uma representação ao parlamento para este nomear uma commissão que estude a questão, e proponha as necessarias reformas.

A exposição universal que devia ter lugar em Londres no anno de 1861, fica transferida para o anno de 1862, em consequencia do estado de agitação em que a Europa se acha.

O principe Alfredo, filho da rainha de Inglaterra, chegou ao Pireo no dia 19 de Novembro, a bordo da fragata *Euryalus*, e em seu obsequio se preparavam em Athenas grandes festas.

A commissão das festas de Schiller, em Paris, presentou o imperador d'Austria com uma magnifica edição das obras do celebre poeta.

Tambem no mez passado os alemães residentes aqui em Lisboa celebraram o centesimo anniversario do primeiro poeta da Alemanha com um banquete e concerto.

As festas que pelo mesmo motivo se fizeram na patria de Schiller foram grandiosas, excedendo todas de que até hoje havia memoria, tomando parte n'ellas o proprio imperador e familia imperial.

O nosso ministro plenipotenciario na córte

do Brazil acaba de praticar um acto de grande energia. Encarregou o consulado portuguez de procurar trabalho a mais de cem colonos ilheos que aportaram ao Rio de Janeiro na barca *Lima*, sem passaporte, fazendo assim perder ao especulador os grandes lucros com que contava n'esta especulação de carne humana.

Não é unicamente este o prejuizo do carregador. Foi entregue o capitão da barca aos tribunaes do imperio, que segundo as leis vigentes teem de lhe impôr uma forte multa por causa da falta de passaportes.

O governo brasileiro poz logo á disposição do nosso embaixador uma embarcação brasileira para serem transferidos para seu bordo aquelles nossos infelizes compatriotas.

O governo portuguez expediu logo no seguinte paquete lisonjeiros agradecimentos por este facto, approvando-o, e as necessarias autorisações para proceder em casos analogos como entender conveniente.

O imperador do Brazil e sua familia andam visitando as provincias do imperio, e em toda a parte são recebidos com grandes festejos.

Publicou-se o decreto e regulamentos organisando o nosso corpo de engenheiros navaes.

E' grande o enthusiasmo que reina em todo o Portugal na actual lucta eleitoral, empenhando-se tanto o partido governamental como o opposicionista em alcançar na futura camara o maior numero possivel de representantes. A urna d'esta vez hade ser muito disputada.

A familia real e o principe Leopoldo, tencionam ir passar alguns dias a Obidos, no meado d'este mez, planeando uma caçada de patos bravos na Lagoa.

A escuna de guerra *Infanta D. Maria Anna*, chegou de Londres onde foi construida, e vae sair em viagem de experiencia fora da barra.

Falleceram o arcebispo de Evora, Annes de Carvalho; e o bispo do Porto, Moniz.

Falla-se em ser elevado á cadeira episcopal de Evora o deão da Sé de Lisboa, o senhor D. José de Lacerda, e nomeado para a diocese do Porto o senhor conego Martens Ferrão, que é irmão do actual ministro das justicas.

Maldizendo o tempo presente, louvamos o dos antepassados; elles maldiziam o seu; os vindouros louvarão o nosso; a razão é porque todas as eras presenciavam vicios e crimes, cujo conhecimento nem sempre passa á posteridade.

De Goa para Lisboa pelo Cabo da Boa-Esperança.

DESCRIPÇÃO DA VIAGEM

Conclusão.

N'este dia couberam-nos em sorte duas horas extremamente desagradáveis, em que o coração se nos partia de dor! Era meio dia, e tínhamos descedo ao camarote para nos deitarmos no beliche, quando ouvimos repentinamente grande alvoroço no tombadilho e no convez; corridas precipitadas de marinheiros da pópa á prôa — vozes confusas e simultaneas do capitão e da companhia, um barulho emfim tal e tão forte, que logo presentimos algum acontecimento extraordinario e desastroso. Subimos á pressa, e então ouvimos distintamente gritos de — homem ao mar: lançamos as vistas consternadas para a vasta bacia que nos cercava, sendo immensa a nossa magoa, quando descobrimos em luta com as ondas embravecidas um pobre moço, que do castello da prôa havia caído ao mar. O vento tinha refrescado muito; as vagas encapelladas ameaçavam a cada momento devorar a sua presa: a embarcação deitava nove milhas, de modo que em poucos minutos o desgraçado marinheiro nos ficou a grande distancia: e esse infeliz mancebo era a unica esperança e arimo de uma mãe viuva e de duas irmãs orphãs! Oh! impossivel nos fôra explicar o que sentimos n'essas duas horas de angustia e de commoções violentas, em que, possuidos de mortal anciedade, presenciámos o espectáculo solemne do homem forte, lutando braço a braço com os elementos conjurados; ora apparecer-nos sobre altas serras movediças, ora occultar-se aos nossos olhos, involto em rolos de fervente espuma! Por felicidade, era elle habilissimo nadador, sustentando o combate com inexcedivel valentia, aliás certo que succumbira, pois a corrida que levava o navio houvera baldado todos os esforços, que se empregaram para o salvar. Excede tambem as nossas forças descrever o bello quadro de vida, movimento, energia e força, que apresentava n'aquelle ensejo a galera *Robin*.

O capitão, coberto de suor, pallido, mas sempre firme e energico dando as suas ordens com inconcebivel celeridade; os officiaes auxiliando-o afanosos e diligentes; e a companhia toda, como á porta, executando as manobras com espantosa rapidez: de sorte que, em quanto as capoiras voavam pela borda fora, o navio virava o leme de ló, e o gageiro do mastro grande, bom e honrado marinheiro, bradava com todas as forças lá do cesto da gavia — coragem, rapaz, que ahí te vamos soccorrer — subia a amurada e caía ao mar um dos escaletes de bordo, saltando n'elle, á maneira de setas despedidas do convez, seis reforçados marinheiros, que voaram ao ponto onde o pobre moço nadava, já seguro a uma das capoiras, que muito a tempo conseguira alcançar, quando, quasi exaustado de forças, já succumbir de cansaço! E nós, testemunhas d'esta scena, vimos, ebrios de contentamento, o escalear aproximar-se do intrepido nadador, e um dos marinheiros, em pé sobre a prôa, rebel-o nos braços. D'ahi a vinte minutos subia elle, com passo firme, pelo portaló a sotavento; e com quanto transido de frio, ninguém dissiera ao observar-lhe a serenidade do rosto ser o mesmo, que tamanho risco havia corrido; mas o que ainda nos admirou mais, foi vê-lo, um quarto de hora depois de vestir roupa enxuta e beber um copo de espirito, acompanhar espontaneamente os camaradas nos rudes trabalhos do officio!

Voltando então a prôa para as terras do nosso destino, vogámos, com panno cheio, por esse mar turbulento, que pouco antes ameaçara devorar-nos um companheiro de viagem, e no mesmo dia, ás oito horas da noite, estávamos na latitude da ilha de S. Thiago, uma das do archipelago de Cabo Verde. N'essa hora, em que nos achavamos, posto que a tamanha distancia, defronte da nossa Goa, que fica na mesma latitude, a nossa imaginação, transpondo o largo espaço que percorrêramos, nos deu o triste consolo de dedicar a cada um dos objectos que levavamos no coração um pensamento melancolico de saudade.

Em 27 tinha-nos ficado ao sul o archipelago todo. Em 28 começou o vento a escassear, diminuindo muito nos dias subsequentes, até que acalmou quasi inteiramente: mesmo assim, aos 5 de Junho chegámos ás alturas da Madeira. Aqui, pelas duas horas da tarde, caiu-nos um pequeno aguaceiro com alguma trovoadá, e vento rijo; mas *vento á prôa*; e isto quando estávamos proximos de Lisboa! Imagine-se a nossa impaciencia!... Todavia, a optima construção do navio e a pericia do capitão, vencendo tamanho obstaculo, nos fizeram adiantar caminho, de modo que aos 11 estávamos já pela latitude de Lisboa. Continuámos a demandar as alturas dos Açores, ao norte, até á latitude de quarenta graus, segundo a navegação mais geralmente seguida, para quem vem de Goa a Lisboa n'essa estação. N'esse mesmo dia tinha feito mudança o vento, rondando para sueste, e levando-nos em direitura ao porto do nosso destino. Em 12 passámos pelas ilhas das Flores, e do Corvo. Em 13, ficaram-nos á pópa o Fayal, S. Jorge, S. Miguel e Terceira, e em 14 passámos por Santa Maria, a ultima do archipelago dos Açores, ao sul.

A galera como que dobrava de velocidade, anciosa por fundear nas aguas do patrio Tejo, ganhando quatro graus por singradura! E nós tambem contavamos as horas e os minutos, possuidos de igual anciedade! Navegámos ainda por mais quatro dias, até que ouvimos, ás nove horas da manhã de 18, o gageiro bradar da gavia — terra á prôa — terra de Portugal!... Oh! A meiga voz das hauris do propheta, se nos fosse dado ouvir-las, ou os maviosos cantos d'Alboni, Castellane, e Tedesco, não produziriam n'esse momento em nós, viajeros da India, impressão mais grata, que a voz rouca do hom gageiro pronunciando estas palavras magicas — terra de Portugal! — De dois saltos subimos da camara ao convez e ao tombadilho, procurando com os olhos, já cansados de só verem mar e ceo, essa terra abençoada, e pouco tardou que a não vislumbrassemos no horizonte á maneira de uma fumaça que crescia á proporção que nos aproximávamos, até que, ao cabo de algumas horas, avistámos claramente o Cabo da Roca! E admirando o panorama tão variado, tão bello e magestoso, que offerece ao viajante a entrada d'este porto, fomos demandar o surgidoiro de Belem, onde a galera *Robin* deu fundo ás oito horas da noite.

Outubro de 1859.

PEREIRA GARCEZ (HIPOLITO).

Hollanda.

Conclusão. (*)

Em um artigo precedente, apenas indicámos a fundação da sociedade das Indias. E' necessario recordar a historia d'esta sociedade á qual está ligada a historia do commercio e prosperidade da Hollanda.

No fim do seculo xv, as descobertas de Bartholomeu Dias e de Vasco da Gama tinham-nos entregado o commercio das Indias; mas os navios portuguezes não conduziam as mercadorias da Asia senão até Lisboa. Os hollandezes vinham buscar-as aqui para as espalhar no resto da Europa. Em 1580 Portugal foi reunido a Hespanha. Na mesma epoca, as Provincias-Unidas separaram-se definitivamente d'esta potencia. Philippe II prohibiu-lhes o commercio com Portugal, e fez aprisionar todos os navios que tinham recentemente sido enviados ao porto de Lisboa. Os hollandezes procuraram descobrir passagem para as Indias. D'ahi datam as expedições de Barentz e de Heemskerck a Spizberg e á Nova-Zemle; expedições infructuosas que outros navegantes tambem tentaram depois sem melhor exito. Uma circumstancia imprevista abriu de repente á Hollanda o caminho das Indias.

Um hollandez, chamado Houtmann, enviado a Lisboa para negocios commerciaes, foi preso, em 1593, como espião. Aproveitou o tempo do seu captivo para estudar a maneira como os portuguezes faziam o commercio da Asia; e de volta á sua patria, induziu os compatriotas a tentarem

(*) Do num. 45

a mesma empresa. A' força d'instancias, reuniu alguns ricos armadores d'Anvers e d'Amsterdã, que formaram uma sociedade sob o titulo de *Sociedade hollandeza-indiana de Van Verre*.

A 2 d'Abril de 1595, Houtmann partiu com quatro navios providos d'armas e munições pelos Estados-Geraes, e surgiu a 2 de Junho do anno seguinte em Bantam, o porto mais consideravel de Java.

Esta expedição não teve o exito que se esperava; mas serviu de lição á Hollanda, e ensinou-lhe a maneira de ser bem succedida n'este novo commercio. A exemplo da de Verre, formaram-se outras sociedades, outros navios foram enviados ás Indias, e voltaram com ricas carregações. Entretanto todas estas empresas particulares se prejudicavam mutuamente pela concorrência: para obviar a este inconveniente, e formar ao mesmo tempo nas Indias um corpo de defesa capaz de resistir ás armas hespanholas, os Estados-Geraes reuniram todas as diferentes sociedades, e estabeleceram, em 1602, como já dissemos, a companhia das Indias. O privilegio outorgado por vinte e um annos a esta companhia concedia-lhe o monopolio do commercio em todas as regiões situadas a este do cabo de Boa-Esperança, e permitia-lhe o direito de fazer conquistas, de sustentar um exercito, de construir fortalezas, e de concluir tratados de alliança. Foi pelo modelo d'esta sociedade que se formou mais tarde a rica e poderosa companhia das Indias em Inglaterra.

Nos primeiros tempos do seu estabelecimento em Java, a companhia hollandeza teve de sustentar violentos combates para firmar o seu poder; mais d'uma vez se viu ameaçada de completa ruina pelos príncipes indigenas, que não podiam supportar esta raça estrangeira nos dominios dos seus antepassados. A' força, porém, de perseverança, empregando habilmente ora as armas ora os meios de conciliação, conseguiu vencer todos os obstaculos, e fazer-se pouco a pouco senhora dos productos da ilha e de grande parte do seu territorio.

De 1629 a 1683 a prosperidade da companhia foi sempre em augmento. N'esta epoca, o excedente das suas receitas sobre as despesas elevou-se, em um só anno, a quatorze mil e quatrocentos contos de réis. Então parou de repente o seu progressivo desenvolvimento pelas mesmas razões que pareciam dever-lhe dar mais solidez. A companhia fez-se pouco a pouco soberana do paiz. Desimples sociedade commercial, que era, transformara-se em autoridade governamental e absoluta; mas enganou-se nos meios de bem administrar, e commetteu graves erros. Depressa as despesas augmentaram em excesso: em vez do excedente das receitas que, ainda ha pouco, enriquecia periodicamente os accionistas, houve um *deficit*. Foi preciso recorrer aos empréstimos, pagando juros, e em 1779, em consequencia d'esta desordem nas rendas publicas, e dos meios extremos para remedial-a, as dividas subiram a trinta mil e seiscentos contos de réis. Nos annos seguintes augmentaram ainda; e quando em 1791 foi enviada uma commissão a Java para examinar o estado das coisas, verificou ella a existencia da horrorosa divida de perto de quarenta e um mil e quatrocentos contos de réis.

Em 1808, o sistema de trabalho forçado, introduzido pelo governador geral Daendels na colonia, não melhorou a situação. Em 1812 os inglezes apoderaram-se de Java e não obtiveram melhor resultado. Em 1814, a ilha voltou ao dominio da Hollanda, e apesar dos esforços do governo, as colonias continuavam em grande decadencia, e só começaram a levantar-se d'este estado dez annos mais tarde, em 1824, com a fundação da Sociedade de commercio; e em 1830, o sistema d'agricultura estabelecido pelo general Van den Bosch metteu-as de novo na estrada da prosperidade. Desde então são para a Hollanda uma fonte de riqueza, que augmenta sem cessar.

Não obstante, em quanto os productos das Indias se juntavam assim na industria mão dos membros da sociedade de commercio, o porto de Amsterdam, destinado a receber-os, tornava-se cada dia mais difficil d'entrar. Os navios eram demorados, por causa dos grandes bancos d'arcia, no Zuydersee, que era forçoso atravessar para chegar ao mar do Norte. Para vencer estes obstaculos

los, preciso era recorrer a machinas despendiosissimas, e cujo emprego trazia sempre grande perda de tempo. Por outra parte, as vagas de este arremeçavam para o porto montões d'areia, e ameaçavam tornal-o impraticavel. Afim d'evitar semelhante perigo, construiu-se um grande dique que fecha o porto e detem o movimento da areia, e desentulhou-se o canal do Norte. E' por este canal que os navios da companhia das Indias entram e saem d'Amsterdã.

Os productos das colonias indianas são transportados todos os annos para a Hollanda pelos navios da sociedade de commercio, e vendidos em leilão. Dos portos d'Amsterdã e Rotterdam, são espathados no interior do paiz por milhares de canaes que atravessam a Hollanda em todas as direcções, e levados a Alemanha pelo Rheno, o Meuse, e o mar do Norte. As duas grandes cidades commerciaes são Amsterdã e Rotterdam; depois seguem-se Groningue, Leenwarden, Namur, e Kampren. Cada cidade de Hollanda, por pequena que seja, tem um porto, canaes, e barcos de transporte. Algumas, em consequença do impulso dado a outras, tem decaido do antigo estado de prosperidade. Leyde perdeu no producto das suas fabricas pela concorrência da Inglaterra, da Belgica, e d'Alemanha, e a sua população está em metade. Enkhuyzen, que era no seculo XVII um vasto e rico deposito, está hoje quasi deserta. Em compensação, outras cidades tem rapidamente augmentado; por exemplo, a de Niewdiep, que não contava, ha quarenta annos, além de seiscentos habitantes, possui hoje mais de doze mil.

As fabricas são na Hollanda pouco numerosas e estabelecidas em bases muito restrictas. Depois da separação da Belgica, tem tido mais desinvolvimento; mas a verdadeira riqueza da Hollanda está no commercio d'exportação e nos seus productos agricolas.

O numero de navios de commercio hollandezes monta a mil e quinhentos. A pesca do arenque é, como se sabe, para muitas provincias, um ramo de commercio consideravel. A manteiga e o queijo abundam em quasi todas. Elevam-se a milhões os arrateis de manteiga e de queijo que a Hollanda exporta todos os annos para Inglaterra e para os outros paizes.

Quadras historicas.

Continuação.

V

AS CRUZADAS.

Chegamos á época das cruzadas, expedições aparentemente religiosas; mas essencialmente politicas. E' este um dos maiores factos da historia da idade media!

Os resultados das cruzadas; a influencia que exerceram na marcha do mundo; a revolução que operaram nas suas antigas instituições, dão-lhes um grande logar na historia da civilisação e progresso da humanidade.

O christianismo derramou no mundo as luzes d'uma nova civilisação, impellido assim o adiantamento dos povos, que a invasão dos barbaros fizera succumbir. Mas esta brilhante renascença, que ficara todavia incompleta, vieram as cruzadas desinvolvel-a!

Havia mais de mil annos que dos montes de Bethlem tinham descido os pastores a saudar o Messias annunciado havia tanto tempo ao povo d'Israel! Dez seculos tinha o christianismo atravessado victorioso, precedido de legiões de martyres, que iam apregando ao mundo as sublimidades da doutrina christã, e arvorando o pendão de Jesus, onde a humanidade lia tres santas e regeneradoras palavras: liberdade, fraternidade, egualdade!

As nações e os imperios tinham-se erguido do nada, e caido no abysmo do esquecimento! E a cruz atravessara por sobre as ruinas dos imperios, mostrando que so ella não era fragil, que só ella era eterna! Saudava-a o mundo inteiro! E a humanidade seguia-a, porque vira reverdecer na raiz do Golgotha as flores da sua emancipação, que as la-

grimas de quatro mil annos tinham fanado! Era o astro da liberdade que fulgia para os opprimidos! A sua missão era altamente popular e humanitaria. Rápidos foram pois os progressos da cruz!

Na idade media, quando a conquista moral do christianismo pouco tinha já a adiantar; quando o catholicismo era quasi a religião cosmopolita; e quando, sobretudo, a crença era forte, porque ainda o bafejar da duvida não abalava a convicção, a existencia d'uma outra religião, tambem rica e lustrosa, indignava os verdadeiros crentes, como então eram os apóstolos do Evangelho!

O crescente disputava a cruz a conquista moral da humanidade! Apar do christianismo erguia-se altivo o islam, e a indignação dos christãos recrecia ao ver a crueldade com que os sarracenos tratavam os fieis que iam peregrinar a Jerusalem.

Os Logares Santos do culto catholico, isto é, os sitios a que a nossa religião prende piedosas recordações do nascimento, vida e martyrio de Jesus-Christo, estavam no dominio dos musulmanos; e os romeiros christãos que ali accorriam para orar no Santo Sepulchro, ou nos cumes do Calvario, eram continuamente victimas dos vexames dos moiros. Muitos morriam ás mãos dos infieis; outros, que voltavam á Europa, não se fartavam de pintar o premeditado abandono em que deixavam os Logares Santos; as crueldades que praticavam com os peregrinos; e sobretudo os progressos da temivel seita dos assassinos, ou do *velho da montanha*, que se fortificava no Oriente e ameaçava derramar-se no globo.

Entre elles, Pedro o eremita intentou dar a conhecer circumstanciadamente, e bem ao vivo, á Europa christã essa desgraçada situação. De cidade em cidade, de nação em nação, a voz do peregrino retumbou, cheia do vigor da crença, contra os moiros de Jerusalem, e accendeu no espirito das massas o desejo da vingança.

A fé então era o fanatismo. O fanatismo era ás vezes a crueldade. Uma séde de exterminar os infieis do Oriente se apoderou dos christãos. Foi quasi uma vertigem. Os principes cederam tambem á influencia moral das pregações de Pedro. Desde o chefe do estado até ao mendigo; desde os senhores até aos vassallos, o mesmo sentimento se generalizou. As condições nivelaram-se pela rasoura das idéas. Todos quizeram ir desalojar da Palestina os seus possuidores; todos queriam verter o sangue nos logares onde o Christo vertera o seu. O fervor religioso cegava a razão: todos se guiavam pelos impulsos da vontade.

A nobreza uniu-se ao clero e ao povo, e dispoz-se á empresa. Era um sacrilegio que o berço e o tumulo de Deus, Bethlem e o Golgotha, estivessem no poder dos infieis, protegidos por uma bandeira inimiga da cruz; e que a christandade, espectadora immovel d'este abuso, não corresse a dar o proprio sangue para resgatar o berço e o tumulo do seu Deus!

A Alemanha foi a primeira a offerecer gente para a gloriosa empresa. Todas as nações christãs seguiram tão nobre exemplo.

O concilio de Clermont, convocado para tratar exclusivamente d'este importante assumpto, decretou a primeira cruzada. O chamamento feito por Urbano II a toda a christandade foi ouvido com satisfação pelos povos.

A exaltação começa. Todos querem entrar na grande expedição, e partilhar as glorias que deviam provir aos que fizessem parte d'ella. Os soberanos prepararam-se. Os nobres offerecem a melhor gente dos seus dominios. Lavradores e artistas, sacerdotes e soldados, alistam-se voluntariamente. Até mulheres e crianças correm ás fileiras do grande exercito. A expedição promete um brilhante resultado. Não se falta, não se cuida n'outra coisa. Calam-se as desordens do Occidente, e as armas que os christãos apontavam uns aos outros voltam-se agora para o Oriente. Era um enthusiasmo inconcebivel, um delirio!

Os principes concordam na maneira de distinguirse. Cada nação usa d'uma cor convencionada. Os alemães adoptam a cruz preta; os francezes a vermelha; os italianos a amarella; a verde os flamengos; e os inglezes a branca.

Por toda a parte retine o ruido das forjas. Lanças, espadas, arnezes, elmos e escudos apparecem

como por encanto. Cada solar é um quartel general; cada cidade um campo de combate! Os fogosos corredores do Occidente saltam nos pateos dos castellos, anciosos de se encontrarem na peleja com os ginetes africanos! A flor da nobreza e da mocidade corre a engrossar as fileiras do exercito expedicionario!

Devia ser fascinante o aspecto da Europa! O beliger fervor dos christãos augmentava á vista d'estes grandes preparativos de guerra. A esperança sorria a todos. Os guerreiros deixavam as suas damas na convicção que haviam de voltar com alguns ramos de loiro para depor-lhes aos pés. Roma animava com promessas o enthusiasmo dos christãos. Mais de quinhentos mil homens deixam a patria para irem, longe do remanso do lar, derramar o seu sangue em prol da santa causa. Ficam as familias sem chefes: os castellos ermos e tristes como a imagem da solidão, sem os seus valentes lidadores, sem as suas briosas guarnições! Nas ameias das fortalezas já não fulgem as couraças e os elmos: apenas n'alguma gelosia se percebe o rosto pallido da donzella, interrogando com os olhos humidos o horizonte oriental, como que pedindo-lhe noticias do pae ou do amante! E o horizonte, na sua monotonica immobildade, mal lhe envia o susurrar d'uma brisa do Levante!

Tudo é tristeza depois da partida. Já se não abatem as pontes levadigas para deixarem entrar as vistosas comitivas dos castellos, ao voltar das caçadas. Foi-se tudo na grande expedição! A vertigem arrebatou ao Occidente todo o brilhantismo das suas galas!

O exercito expedicionario lá partiu dividido em tres porções. Uma atravessa a Alemanha, a Hungria e a Grecia; mas é inteiramente destruida antes de chegar ao termo. Outra dirige-se a Asia, e é derrotada nas planicies de Nicea pelas tropas de Solimão. O encarnicamento do combate reduz o exercito christão a um immenso cadaver. Foi uma lucta d'exterminio, onde a flor do Occidente ficou estendida no campo da batalha! Tudo pereceu debaixo do alfange sarraceno! Não os salvou a santidade da causa.

E' que tambem apar da nobreza e gente briosa que fazia parte da expedição, ia a escoria dos povos: criminosos, aventureiros, indigentes, guiados pela cubiga do espolio; gente semi-barbara que se ia reunindo aos christãos e devastava os paizes amigos como se fossem os conquistados!

A' terceira parte do exercito estava porém guardada a gloria de ficar victoriosa. Godofredo de Bouillon, neto do conde de Bolonha, era o general d'esta divisão dos cruzados. Chegando em frente de Jerusalem, poz cerco á cidade.

Foi ali que os sarracenos empregaram maior resistencia. Mas os valentes guerreiros do deserto tiveram de curvar-se aos briosos cavalleiros da Europa. A ligeira cavallaria arabe, que fazia a força principal dos exercitos sarracenos, ficou aniquilada. E a cidade santa viu os indomitos combatentes do islam cederem á pericia e valor dos expedicionarios christãos.

Jerusalem é conquistada, e Godofredo de Bouillon aclamado rei. Mas o religioso general não quiz acceptar esse pomposo titulo na cidade onde o filho de Deus fôra despreso, perseguido e morto. Ficou sendo o duque de Lorena.

São as peripetias d'este glorioso cerco que inspiraram o Tasso, e originaram a creação d'uma das mais bellas epopaeas. O cysno de Ferrara quiz, por meio dos seus cantos, ajudar a immortalisar o nome dos libertadores de Jerusalem.

Infelizmente esta gloria não foi duradoira. Menos d'um seculo depois o reino de Jerusalem era tomado por Noradino; e Guido de Lusignan, seu ultimo rei, comprava Chypre aos inglezes para ali estabelecer um throno, onde trezentos annos se conservou a sua familia.

Continua.

ALFREDO PIRES.

N. B. — O artigo que acaba de ler-se foi por engano publicado depois do que já se estampou sob o mesmo titulo — *As cruzadas*. — Este é por tanto o primeiro a que pertence aquelle titulo.

Nunca os odios para com os paes se devem vingar nos filhos.

Villa de Ponte de Lima.

No districto de Vianna, e tres leguas para o nascente d'esta commercial e mui antiga villa, está a de Ponte de Lima, tam- bem de origem remota. A sua presente situação é na margem esquerda do ameno Lima, pos- to que do outro lado da sua pon- te magnifica conte bom numero de habitantes no seu maior ar- rabalde, a que chamam rua de além da ponte, pertencente á freguezia de Santa Marinha de Arcuzello.

Estando na via militar, que de Braga saia para Astorga por Tuy e Lugo, os romanos por aqui transitavam com frequen- cia: é de crer que fossem elles os primeiros que sobre o Lima erigissem uma ponte n'esta pa- ragem. Os sarracenos nas amu- dadas invasões em que por esta parte de Portugal accommette- ram a Galliza, assoiaram a vel- ha Ponte de Lima por tal for- ma que poucos signaes da sua existencia deixaram. Corre por certo que a rainha D. Thereza e seu filho D. Affonso Henri- ques a fizeram repovoar pelos annos de 1123, dando-lhe fo- ral com muitos privilegios, confir- mado depois por D. Affonso II, e posteriormente, na refor- ma dos mais do reino, por el- rei D. Manuel, que lhe acres- centou novas regalias.

A villa está n'uma posição muito aprazivel; o seu termo é abundante de cereaes e fruc- tos; o que tem de mais notavel é a ponte, construida sobre vin- te e quatro arcos, dezeseis dos quaes de construcção gothica revelam ainda a obra primiti- va, porque a existente foi em tempos modernos reconstrui- da: atravessa o Lima, caudal em aguas, e orlado de pitto- rescas e ferteis margens.

Ponte de Lima, que com seus arrabaldes, segundo o testemu- nho dos geographos portugue- zes do começo do seculo passa- do, contava então setecentos visinhos, terá hoje umas duas mil almas de população. A sua egreja parochial é um nobre e espaçoso templo, consagrado a Nossa Senhora d'Assumpção.

Bazar em Jaffa.

A moderna Jaffa, situada na costa da Syria, é a antiquissi- ma Joppe das Sagradas Escrip- turas. Tem um mau porto ape- nas para pequenas embarca- ções, e uma enseada mui pe- rigosa. A população calcula-se em cinco a seis mil almas, entre arabes, turcos, armenios, gregos, catholicos e maronitas: cada uma d'estas communhões religiosas tem sua egreja.

O bazar, representado na gravura, é um edifi- cio menos oriental e mais gothico do que são em geral estes grandes mercados turcos. N'elle ven- dem tapetes e vestidos os negociantes mais ricos; e alguns da classe inferior occupam seu lugar com fazendas menos custosas.

Praça do mercado de Tivoli.

Tivoli tem assento n'uma emiucnia, levanta-



Bazar de Jaffa.



Villa de Ponte de Lima.

da no trato de territorio chamado a Campagna, e que remata um pontal saliente da grande cordilheira dos Apenninos: o despenhado d'aquella altura produz uma serie de sumidades de fraguedo, onde se quebram com impeto as aguas do Te- verone, rebentando em magnificas catadupas, que muito contribuem para a belleza do pais circun- visinho. Este rio deriva sua origem dos Apenni- nos; no principio do seu curso tem algumas in- terrupções, continua depois plaridamente por meio de oiteiros umbrosos, vindo arrojarse com alta quebrada sobre a planicie.

A gravura que damos representa a piazza pu- blica ou mercado de Tivoli.

Ha sessenta annos.

Noticias curiosas do anno de 1790, relativas a Portugal.

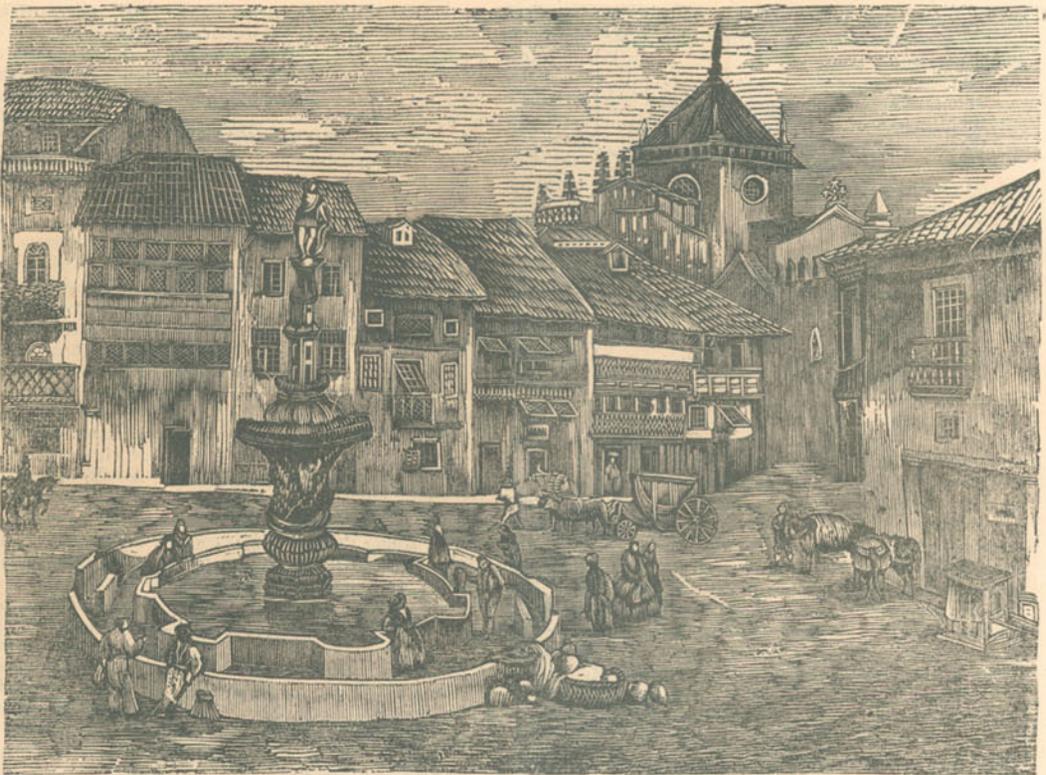
Continuação

Força militar.

Corpo da marinha real

Era inspector geral d'este corpo o ministro da marinha, e tinha ás suas ordens dois capitães do mar e guerra.

- O corpo da armada compunha-se então de
- 2 tenentes generaes,
 - 1 chefe de esquadra,
 - 7 chefes de divisão,
 - 27 capitães de mar e guerra,
 - 4 capitães de fragata,
 - 36 capitães tenentes, com a graduação de tenentes coroneis,
 - 4 ditos, com a graduação de sargentos mōres (nova lei).
 - 32 tenentes do mar,
 - 7 segundos tenentes,
 - 3 ditos, com exercicio de guarda-marinhas.
 - 13 sargentos de mar e guerra,
 - 34 guarda-marinhas,
 - 4 aspirantes,
 - 21 capellães-mōres,
 - 1 physico-mór,
 - 1 cirurgião-mór.
- Os postos da marinha acabavam de ser regulados por decreto de 16 de Dezembro de 1789, fixando-se-lhes os seguintes soldos de mar e terra



Praça do paço dos arcebispos em Braga. — (Vide n.º 51 do 2.º vol.)



Praça do mercado de Tivoli.

Vencimento annual		em terra	no mar				
Vice-almirante: réis	2005000	4005000	Capitão de mar e guerra	305000	455000	Aspirante	35000 35000
Tenente-general	1005000	2005000	Capitão de fragata	245000	365000	Sargento de mar e guerra	55000 105000
Chefe de esquadra	505000	1005000	Capitão tenente	205000	305000	<i>Exercito.</i>	
Chefe de divisão	405000	805000	Tenente do mar	105000	155000		
			Segundo tenente	85000	125000		
			Guarda-marinha	65000	65000	O duque de Lafões, tio da rainha, era então o	

general junto á real pessoa de sua magestade, e o exercito portuguez do seu commando tinha o seguinte numero de officiaes:

- 12 tenentes-generaes,
- 18 marechaes de campo,
- 33 brigadeiros,
- 60 coroneis do exercito,
- 5 coroneis de ordenanças da cõrte,
- 1 coronel de auxiliares,
- 69 tenentes coroneis,
- 18 sargentos-móres de engenheiros,
- 25 capitães da mesma arma.

Havia 32 regimentos de infantaria, e 12 de cavallaria do reino, dos quaes estacionavam 13 na cõrte e provincia da Estremadura, 12 no Alentejo, 3 no Algarve, 3 na Beira, 5 em Traz-os-Montes, 5 no Minho, e 3 no Rio de Janeiro.

Eis-aqui uma breve idéa dos uniformes d'estes corpos:

Todos usavam de casaca azul, tanto a infantaria (em que se incluem os regimentos de artilharia) como a cavallaria, menos os corpos da primeira e segunda armada, que trajavam casaca verde, e que por isso mesmo eram denominados regimentos de verde pelo vulgo. As vestias da cavallaria eram todas brancas, e os seus calções azues, bem como os capotes da mesma cõr, porém esta variava nos canhões, golas e fôrros, galões e botões, segundo os regimentos. Eis a denominação de cada um d'elles, e as variantes de uniforme:

Nomes dos regimentos	canhões, golas e fôrros	galões e botões
Caes	carmezim	branco
Alcantara	cór de rosa	"
Mecklembourg	azul claro	"
Elvas	encarnado	amarello
Evora	branco	"
Moura	amarello	branco
Oliveira	azul ferrete	"
Almeida	azul claro	amarello
Castello-Branco	cór de laranja	branco
Miranda	encarnado	"
Chaves	carmezim	amarello
Bragança	azul ferrete	"
Continua.		B.

Doas mulheres da epoca.

Romance contemporaneo.

Continuação.

IV

APRESENTAÇÃO DO PADRE LUNARDI.

A baroneza de Villamar estava recebendo a visita do conde de Sandomil.

Conversavam animadamente: ella mollemente recostada no sophá, toda cheia de graça e d'enjevo, toda entregue ao doce pensamento de ser amada; elle com toda aquella suave seriedade que nos infunde o receio de não sermos tão queridos como infelizmente sabemos querer.

O conde era alto e gentil: um farto e assetinado bigode castanho escuro, graciosamente revirado nas extremidades, dava-lhe singular attractivo á physionomia expressiva, e coberta d'essa inexplicavel meia tinta de Van-Dick, proveniente d'um sangue verdadeiramente varonil e nunca requemido pelo effeito de um sentimento ignobil.

Estavam ambos n'aquelle doce e ledo engano d'alma quando a antipathica voz do criado annunciou — o senhor Matheus de Andrade.

A baroneza lançou furtivamente sobre o conde um volver d'olhos muito indagador: e sorriu-se, por lhe parecer que tinha notado um movimento de enfado. Matheus de Andrade entrou, cortejou a baroneza, apertando-lhe amavelmente a mão, e fallou ao conde, que lhe correspondeu com um gesto amigo.

— Estimo muito vê-lo, disse Carolina; hoje, porém, mais do que nunca.

— Oh! minha senhora, faz-me esperar que posso ter a honra de lhe ser util em alguma coisa.

→ Em dar-me exactas noticias de Carlos. Não tenho animo de o ver! fez-me tanto mal o estado em que o achei a semana passada. . . causa-me tão profundo desgosto a repugnancia que tem de tomar o conselho da junta, de ir para a Madeira! . . . Então, como o achou, senhor Andrade?

— Não devo deixar de fallar com franqueza: achei-o muito mal; mas pareceu-me notar que o sofrimento está bem longe de ser destruido com oleo de fígados de bacalhau, pilulas de ferro, e ares da ilha da Madeira: estes, sobretudo, ser-lhe-hiam factaes!

— Segundo concluo, o senhor Andrade é excellento medico do espirito! Disse o conde de Sandomil sem perder a sua habitual seriedade.

— Estou no caso dos facultativos: quando o espirito admite remedio.

— Ha, porem, uma differença; o espirito sympathisa, por vezes, com o medico; e os remedios tornam-se proveitosos. V. s.^a tem a felicidade, pouco vulgar, de merecer as sympathias dos seus doentes.

— E' bondade dos doentes; se não extrema lisonja de v. ex.^a

— Será indiscrição perguntar que doença descobriu no espirito do senhor Carlos? Tenho sempre muita desconfiança d'estas doenças d'espirito!

— Acredite pois v. ex.^a que é positivamente uma doença d'espirito.

— Está apaixonado? Perguntou a baroneza insididamente.

— V. ex.^a poupou-me a revelação!

— Paixão! disse o conde, o senhor Andrade classifica uma paixão, doença de espirito?

— Mas talvez me engane: e n'esse caso admitto correção.

— Paixão, é uma doença sem espirito!

— E quaes são as doenças de espirito? . . .

— As que resultam do amor proprio illudido.

— Ah! e como sou muito curioso d'estas coisas moraes, estimaria muito dever ao senhor conde o obsequio de indicar-me algum remedio para semelhantes doenças.

— Ora. . . ha um bem simples! não tomar tudo a serio.

— E é, segundo me parece, bem facil de tomar! Acrescentou a baroneza dirigindo-se ao conde. Parece-me mesmo que ninguem fará mal em o tomar por simples prevenção.

O conde sorriu-se; e voltando-se para Andrade perguntou-lhe:

— Como vae a questão das irmãs de caridade?

— Vae como quasi todas as coisas, desgraçadamente, entre nós: hade cair no esquecimento; mas as coisas esquecidas resuscitam. . .

— Convenho, quando não se tem a devida attenção de lhes pôr em cima uma bonita loisa!

Matheus de Andrade principiou a inquietar-se com o sentido elastico das palavras do conde, e levantando-se, respondeu precipitadamente.

— Ora, senhor conde, hade convir que bem pesada era a loisa collocada sobre o Redemptor, e a loisa partiu-se em pedaços!

— Sim. . . porem não comprehendendo bem o verdadeiro sentido da sua bonita allusão!

— O Redemptor era a verdade. A verdade não se esconde facilmente. . . lá vem um momento em que reaparece. . .

A estas palavras, a baroneza lançou sobre o conde um olhar inquieto.

O conde entendeu que não havia n'aquelle momento, em presença da baroneza, espirito possivel para responder, como convinha, a semelhante ameaça: limitou-se a responder de modo que mostrou não a ter apreciado.

A guerra estava tacitamente declarada entre o conde de Sandomil e Matheus de Andrade.

N'este momento, annunciaram a viscondessa de Santa Isabel.

A viscondessa entrou um momento depois, e a baroneza foi amavelmente recebê-la ao meio da sala.

— E' uma verdadeira e agradável surpresa, disse ella, beijando-a; confesso, querida, que te não esperava.

— Assim me parece, respondeu a viscondessa, comprimendo o conde, e em seguida Matheus de Andrade. Tenho andado hoje visitando as minhas

amigas para relacionar uma pessoa que nos foi recommendada.

E dizendo isto olhou para a porta, onde appareceu o padre Lunardi.

— E' o reverendo padre Lunardi, que já tinhamos o gosto de conhecer, quando aqui estive de passagem para França.

Todos o cortejaram respeitosamente. A viscondessa continuou:

— Não era possivel ter-se escolhido mais competente missionario para o sagrado mister de capellão d'essas piedosas irmãs, que vieram para dirigir os nossos estabelecimentos de educação primaria.

— A senhora viscondessa, disse Pietro Lunardi em francez, com severidade, obriga-me a recordar-lhe que todos quantos entendem e respeitam os principios evangelicos, seriam igualmente dignos da piedosa missão para a qual peço a Deus que illumine a minha alma.

— EDeus hade escutar-o, continuou a viscondessa, pelo amor da nossa santa religião, que bem precisa de virtuosos e intelligentes missionarios.

— V. ex.^a quasi que nos colloca no parallelo dos gentios onde ella não vigora senão á custa do martyrio e da palavra dos piedosos missionarios! Exclamou Matheus de Andrade, com um sorriso. Autorisa pois a lamentação de v. ex.^a a falta de bons prela-dos entre nós?!

— Previno-o, padre Lunardi, disse a viscondessa, tambem com um sorriso amavel, indicando-lhe Matheus de Andrade, que temos á vista um dos mais elegantes apóstolos da heresia.

O conde de Sandomil e a baroneza de Villamar applaudiram, rindo convenientemente, as palavras da viscondessa.

Todos tomaram logares pelo convite da baroneza.

— Peço perdão, disse Matheus de Andrade; talvez que v. ex.^a não concorde comigo a respeito do que é a heresia!

— A esse respeito, não faço paragraphos.

— V. ex.^a accusa-me desapiedadamente na presença de um ministro do culto divino, e dá-me assim o direito de esperar que escute a minha defesa.

— Se me permittes, Carolina, observou a viscondessa pegando na mão da baroneza que estava ao seu lado no sophá, estimaria muito ver como o senhor Andrade se sae da difficil posição em que se tem collocado na imprensa, censurando a admissão das piedosas irmãs de caridade; e pedindo ao governo explicações acerca do estabelecimento dos virtuosos lazaristas em Portugal! Rogamos ao senhor conde de Sandomil que presida esta quasi sciencia.

— Minha senhora, eu não estarei talvez no caso de accellar tão honrosa proposta. . . além d'isso de-sejaria tambem obter a palavra. . .

— Ah! n'esse caso, cedo-a desde já ao senhor conde, disse logo Matheus de Andrade; porque reconheço em s. ex.^a muito mais fundo para explicar a situação, sem desar do nosso caracter nacional. O senhor conde pertence a uma classe que symbolisa a elite da sociedade portugueza, e tudo quanto disser tem de ser em abono do nosso espirito nacional!

— Collocou-me a sorte n'essa classe a que v. s.^a se refere, respondeu o conde pausado e reflectidamente; e n'ella tenho procurado, sempre, manter-me com dignidade. Os factos, porem, tem por vezes tornado de tal modo difficil o papel que por sorte nos coube representar, que muitas vezes me pareceu achal-o indefinivel no centro do terrivel amalgama das idéas populares.

— Peço perdão, a nobreza não é mais do que a elite que representa a dignidade popular no concilio das nações.

— Convenho: mas parece-me que tal dignidade ficou perdida no momento em que foram tornados duvidosos os foros da nobreza. Ora, es foros da nobreza eram apoiados nos foros da egreja: destruidos uns, enfraqueceram outros, na consideração popular.

— Senhor conde, eu distingo os foros da egreja, dos foros das congregações religiosas; respondeu Matheus de Andrade. Os da primeira, moralmente fallando, são sustentados pela educação, e garantidos pela civilização, que torna a religião n'uma necessidade do espirito, n'um principio de fraternidade, n'um laço indissolavel entre a idéa do bem

e a pratica de todas as nossas acções sociaes. Estes subsistem; e a civilisação tende a sustental-os. Estes, não servem de apoio á nobreza dos pergaminhos; mas sim a essa, a que v. ex.^a pertence, proveniente da educação, do esforço da intelligencia, e da pratica exemplar de todos os deveres contrahidos, na elevada posição em que o destino collocou o individuo. Tomo a palavra egreja n'uma acceção inteiramente ao alcance do espirito popular: na sede da virtude. Honre constantemente a nobreza á virtude, que os foros da egreja hão de servir de apoio aos seus.

— Acho a sua philosophia muito digna das suas idéas progressistas, senhor Matheus de Andrade; tornou o conde de Sandomil, sorrindo convencionalmente com as duas senhoras. V. s.^a adopta a idéa do culto; mas repelle a da conservação dos seus sacerdotes. Sonha uma educação popular tão philosophicamente elevada que, sendo possível realisal-a, teriamos sem duvida alguma o ceo na terra; e Portugal havia de ser o parizo.

— Peço ainda perdão a v. ex.^a, que não comprehendeu o verdadeiro espirito das minhas palavras. Se o culto de Deus, que não é mais do que a pratica da virtude, é, como eu, e todos nós entendemos, uma coisa tão sublime; acho que não carecem de outros foros, aquelles que se dizem seus sacerdotes, além dos que lhes dá a consideração e a veneração profunda que inspira o mesmo exemplo da virtude: que não precisam de outro abrigo senão o seio dos povos, nem de outras riquezas além da convicção evangelica a respeito das virtudes que pregam e exemplificam na terra. Se a humildade foi o mais edificante exemplo do Deus vivo, custa-me a comprehender o fausto, e o orgulho com que o clero tem atravessado todas as epochas, e que não faz mais do que desafiar a duvida no espirito dos povos! Os povos tem achado de ordinario a ambição no coração do clero; e a ambição contradiz todos os piedosos sentimentos que elles devem attribuir-lhe. A ambição e o amor proprio são defeitos quasi natos nos homens: os homens constituidos em congresso entregam-se naturalmente a um e outro: da idéa da união, nasce a da força; e d'esta, muitas outras prejudiciaes ao caracter pacifico e humilde que devemos attribuir ao missionario de Deus: porque a força dos missionarios da religião deve consistir na palavra persuasiva, e no exemplo edificante! Educar pela palavra e pelo exemplo, é engrandecer! Educar pelo temor e pela submissão, é aviltar!

Pensando d'este modo, em perfeito accordo com todas as nossas idéas liberaes, de que dimana a nossa independencia, ninguém pode approvar o estabelecimento de congregação alguma religiosa. Não fallei contra a admissão dos piedosos lazarisistas: proclamei-me, na imprensa, contra o estabelecimento d'elles em Portugal.

Em quanto á admissão das irmãs de caridade na gerencia dos nossos estabelecimentos de educação, não será realmente uma idéa vergonhosa admitir mestras estrangeiras, que prova a impericia das mulheres portuguezas no mister de educar?

Estão essas estrangeiras tanto ao facto da nossa lingua e dos nossos costumes nacionaes que não desaffeiçom d'elles a geração nascente? Entendo, minhas senhoras, que a primeira coisa que nós devemos respeitar n'este mundo, é a nossa dignidade nacional: se não a mantivermos, não podemos esperar das nações estrangeiras senão despreso e aviltamentos.

Se é prova de heresia, pugnar pelos nossos interesses nacionaes, e pela dignidade do nosso caracter, mesmo contra a idéa religiosa adoptada pelos estranhos para mascararem a intenção de destruir o nosso bello caracter independente; não sei como deverei classificar o despreso das coisas da patria, manifestado n'aquelles que mais a peito deviam tel-o, e contra o qual a imprensa tem erguido, e hade constantemente erguer, um brado de profunda censura!

Temos entre nós uma piedosa instituição de irmãs de caridade que, vergonha é dizel-o, morrem de fome, esquecidas pelas beneficentoras que abrem os braços as estrangeiras! Essas pobres mulheres são inaptas, convenio, para educarem; faltam professoras nos estabelecimentos de educação, também convenio; mas o meio de remediar similhante fal-

ta não devia de ser confessar a nossa vergonhosa miseria, admitindo mestras estrangeiras! A falta de mestras nacionaes, não provem da ignorancia das mulheres portuguezas; provem do desamor com que até hoje se tem olhado para o magisterio, e dos limitadissimos ordenados com que o governo o tem recompensado! A falta de bons professores, nota-se tanto nos estabelecimentos de educação feminina como masculina: mas esta falta é remedial, e nós temos recursos para remedial-a, sem recorrer á caridade nem ás praticas religiosas dos estranhos!

— Pelo amor de Deus, disse a baroneza com algum ar de enfado, não tomemos a serio a questão!

— V. s.^a, acrescentou o conde de Sandomil, dirigindo-se com um sorriso a Matheus de Andrade, não adopto o remedio que ha pouco tive o gosto de lhe fornecer contra certa doenca moral...

Matheus de Andrade mordeu os beiços.

— O senhor Matheus de Andrade padece? Perguntou a viscondessa.

— Sim, senhora viscondessa, respondeu elle: sempre que os meus amigos soffrem.

— Meu filho está muito mal! acrescentou a baroneza.

— Muito mal!? repetiu a viscondessa; como assim? as ultimas noticias que tive, eram animadoras.

— O senhor Matheus de Andrade, tornou a baroneza soltando uma risada, descobriu-lhe uma paixão.

D'esta vez foi a viscondessa que tomou a palavra a serio.

— N'aquellas edades não admira; não deves rir, Carolina, tenho tido d'esses exemplos em casa!

— Achei o senhor Carlos em tal estado de abatimento moral, continuou Andrade, que um dos remedios que eu ousaria recitar, era evitar-lhe o isolamento: infelizmente, a senhora baroneza não tem forças para as vigílias necessarias...

— Não, não tem; não tens forças, Carolina, para os cuidados que a doenca de teu filho requer. E' preciso pensar em te substituir junto d'elle. Ah! temos felizmente presente o reverendo padre Lunardi para recorreremos por sua intervenção á caridade de alguma das suas piedosas dirigidas... se a imprensa prometter não fazer opposição! acrescentou ella, olhando obliquamente para Matheus de Andrade, que estremeceu de alegria.

— A imprensa é justa, senhora viscondessa, respondeu elle: não nega a caridade d'aquellas piedosas mulheres que ahí nos chegaram: meiga apenas a sua capacidade para a gerencia dos estabelecimentos de educação. Ora eu penso que não se trata de educar o senhor Carlos...

A viscondessa riu-se e acrescentou:

— No fim de tudo os escriptores não são desarrazoados senão quando escrevem!...

— E' porque vv. ex.^{as} deixam de ser amáveis quando nos lêem.

— Não admira: os jornaes nem sempre se exprimem como os escriptores fallam.

— Então que te parece a minha idéa? perguntou-lhe a viscondessa.

— Se for realisavel...

— Pois não hade ser! Creio que não haverá duvida alguma em vir uma das piedosas irmãs assistir á doenca do senhor Carlos Condiño. Não é assim, padre Lunardi? Acrescentou ella em francez.

— Creio que não, minha senhora, respondeu elle: parece-me que basta o vosso empenho para mover a piedosa irmã Cesarea do Amor Divino, que teve a felicidade de merecer a vossa afeição. a vir consagrar os religiosos sentimentos que a distinguem junto do enfermo de que se trata. E' a que eu acho mais no caso de substituir o verdadeiro desvelo de uma extremosa mãe.

— Ouves, Carolina! Aquella piedosa irmã é a caridade em pessoa! Além d'isso... já timhamos o gosto de a conhecer; não te recordas d'aquelle casamento que se effectuou na minha ermada? Não tens presente a lamentavel historia d'aquella pobre noiva? A infeliz menina trocou todas as suas novas aspirações pelo culto da verdadeira virtude evangelica. Seu marido respeitou aquella vocação sublime que o amor de Deus lhe inspirava, e consentiu na separação.

— Foi um sacrificio que fez a Deus e á huma-

nidade! Exclamou Matheus de Andrade, que em vão procurava disfarçar toda a sua alegria, e explicar a si mesmo o acaso que tinha combinado em um momento, e quasi realisado, o plano que mais difficil lhe parecia de pôr por obra.

— Decididamente, disse elle consigo mesmo, a fortuna não protege a caridade franceza em Portugal.

A baroneza tinha ficado pensativa; a viscondessa levantou-se para se despedir.

— Hasde sympathisar muitissimo com aquella piedosa menina, minha Carolina. Eu mesma virei apresentar-t'a. Repito é a caridade em pessoa.

A viscondessa despediu-se, emfim, do conde e de Matheus de Andrade: a baroneza offereceu a casa ao padre Lunardi, e separaram-se.

Continua.

A. HOGAN.

O amor e o dever

COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SERRA.

Conclusão.

SCENA XVII.

MARGARIDA, JOÃO DE CASTRO, ADELAIDE, BARÃO, JORGE, SEBASTIÃO, e JOSÉ DE MIRANDA.

Todos — Seu pae!

JORGE — E' seu pae, sim... não lh'o havia promettido?

BARÃO (*dando uma carta a Margarida*) — Leia.

MARGARIDA (*lendo*) — «Não duvides, essa creança é nossa filha! Esse bom criado, unico senhor do segredo, tomará conta d'ella, e se a morte o roubar do mundo, hade fazer conhecer a seu irmão Jorge o mysterio que envolve essa menina; lembra-te que é o unico fructo que existe do nosso amor, e por elle te perdóo tudo. Por piedade, tem com ella a compaixão que não tiveste para a sua infeliz mãe. — *Isabel de Penalva.* — Filha de minha tia!

BARÃO — Ouves... Ouves tu, Adelaide? é teu pae que apertas ao peito... é unido ao teu coração, que palpita agitado e cheio de jubilo aquelle que te deu a vida!

ADELAIDE (*a Jorge que se tem aproximado e que ella abraça no centro d'ambos*) — Sem um, não teria o outro! Velho amigo e protector... aqui dentro d'alma, achará o agradecimento da pobre desvalida.

JORGE (*chorando de alegria*) — Que fiz eu para assim receber esta honra? Que agradecimentos são esses para o simples criado, que se vê contente, porque a vê feliz?!

JOSÉ DE MIRANDA (*a Adelaide*) — E eu, o ultimo, mas não o menos sincero dos arrependidos, não sei digno do seu perdão?

ADELAIDE — Perdões, a mim?...

JOSÉ DE MIRANDA — E consentirá depois do meu erro que a torne a amar, que...

ADELAIDE — Para esse arrependimento é já tarde! esqueça-me para sempre! (*baixo a Margarida*) Julio?...

MARGARIDA (*baixo a Adelaide*) — Julio partiu para não voltar!

ADELAIDE — Para sempre!... oh! meu Deus! nunca mais o ver... nem um adeus sequer!...

MARGARIDA — Oh! minha amiga, também o amavas!...

ADELAIDE — Agora que elle partiu, posso dizel-o... ameio! mas Julio nunca o soube... guardei tudo aqui! (*leoa a mão ao coração*)

MARGARIDA — Por dever, sacrificaste o coração... e eu sacrifiquei o coração ao dever!

BARÃO — Minha filha, é grande o dia que te entrega nos meus braços... a tua vontade é a minha também. Se tens algum desejo, dize-m'o, pede para que te satisfaça.

ADELAIDE — Um só, um unicamente... e hade fazer-m'o, não é assim?

BARÃO — Que posso eu negar-te, minha filha?!

ADELAIDE — Jura-m'o?...

BARÃO — Pela alma de tua mãe.

ADELAIDE — Peço para me recolher a um convento.

Todos — A um convento!!!

BARÃO — Queres separar-te de mim?!

ADELAIDE — Quero esquecer-me do mundo! Irá visitar-me sempre, apagará assim as saudades, e eu... cumprirei o meu destino.

SEBASTIÃO (a um momento de José de Miranda, que se encosta a elle) — Vamos, animo!

JOSÉ DE MIRANDA (suffocado) — Perdi-a para sempre!

JOÃO DE CASTRO (á parte) — E eu que julguei tão vil essa mulher, encontro-a um modelo de nobreza!

ADELAIDE (nos braços de seu pae) — E' a minha primeira e ultima vontade!

BARÃO (limpando os olhos) — Hade ser cumprida.

MARGARIDA (a seu marido) — Que te dizia eu? Adelaide é um anjo, vês?

JOÃO DE CASTRO — Vejo... e creio!

ADELAIDE (nos braços de Margarida) — Minha amiga, só se ama uma vez na vida!

MARGARIDA (apertando-a com transporte) — Oh! como eu te perdi roubando a ventura dos mais bellos dias da tua existencia!

ADELAIDE — Não, sempre teria de soffrer; a lembrança do meu passado... (cada vez mais baixo e triste) hade ser o horizonte negro de toda a minha vida! (vae aos braços do barão, em quanto que João de Castro passa aos de sua mulher. Um momento de silencio em que a tristeza e as lagrimas se confundem)

JORGE (encostando-se aos braços d'uma cadeira e limpando os olhos) — Eu que a embalei n'estes braços, que lhe tinha tanto amor... heide assim separar-me d'ella!...

BARÃO — Oh! filha, na flor da mocidade, quando podes gozar a vida, e...

ADELAIDE — Se m'o permite, pae, a minha resolução é inabalável.

MARGARIDA — No exilio voluntario de um convento, longe de teu pae e dos que tanto te querem, quem te hade consolar?...

ADELAIDE — Deus! (depois de tomar affectuosamente a mão do pae e de Margarida, puzando-os a si, encarando-os e erguendo os olhos ao ceo) Deus!

(Cae o panno).

No album do meu amigo José Rodrigues.

Ha coisas por este mundo,
Que dão vontade de rir;
Um Tolentino segundo
Tinha muito em que bolir!
Sou poeta — só por teima —
E esta constante toleima
Não perco, por mais que faça;
Mas devo ser desculpado
Por dar credito ao ditado:
Quem porfia mata caça.

Se alta musa me sorrisse
Não chorara amores — não,
Porque para a pieguice
E' preciso vocação;
Nem cantara das donzellas
As rosadas faces bellas,
O cabelo preto, ou loiro;
Porque muita dama agrada
Por milagres da pomada:
Nem tudo o que luz é oiro.

Não cantara lá do prado
Meigas rosas purpurinas,
Que é assumpto já cansado,
E' só proprio de meninas:
Cheira bem a rosa bella
Mas uma isca de vitella
Cheira, agrada muito mais!...
Digam que sou de mau gosto,
Que a teimar não 'stou disposto:
Os gostos não são eguaes.

Qu'ria ser poeta; — e quando
Visse elegante janota
Uma dama namorando,
Que só d'elle faz chiacota;
Fazer versos d'improviso,
Pôr-me em frente do Narciso,
Cantal-os, batendo o pé,
E dizer-lhe de caminho:
O que fazes, meu tolinho,
É remar contra a maré.

Quando visse uma donzella
A dar attenção a dois,
Namorando da janella,
Um primeiro, outro depois;
Engendrara um epigramma;
E fóra off recel-o á dama
N'estas phrases tão bizarras:
Não dás á costa, concordo,
Tens dois pilotos a bordo,
'Stás presa a duas amarras.

Se achasse velhas patetas,
A quem o baile recreia,
Em quanto ficam as netas
Em casa fazendo meia...
Isso então só a chicote,
Que toleima d'este lote
Em versos não se reprova:
Velha que assim desatina,
Querer figurar de menina,
Andando co'os pés p'ra a cova.

Quando visse um grande gebo
De cabecinha no ar,
Com chinó cheio de sebo,
As bellas a namorar;
Teria por meu regalo
Noite e dia apoquental-o,
Fazer-lhe perder esp'ranças
D'inda um dia ser feliz;
Pôr-lhe nas costas com giz:
Duas vezes somos creanças.

Quando visse criadinha
Repimpada na janella,
Conversando co'a vizinha,
Sem lhe lembrar a panella;
Fôra em verso descompól-a,
Pôr-lhe nos olhos cebola;
E, rindo ao vél-a chorar,
Dizer-lhe: — cachopa, olé!
Marche lá p'ra a chaminé:
Cada qual no seu logar.

Se visse, d'airoso fato,
Uma dama, d'altos brillos
Fazendo festas ao gato,
Em quanto choram os filhos;
Quizera bem castigal-a,
E ver o gato arranh-al-a
No nariz, té fazer chaga;
E dizer-lhe em tom magano:
Faça festas ao bichano:
Amor com amor se paga.

Se visse um pobre pachola,
Que amargos dias passou,
E deu ás almas esmola
Quando a mulher expirou;
Buscando nova cadêa,
Porque em risonha serêa
Encontrou magico engodo;
Moera-o sem compaixão,
E ensinara-lhe o rifão:
Boi solto lambe-se todo.

Quando achasse uma excellencia,
Filho do sol, e da lua,
Que, por basofia, ou demencia,
Deita o seu dinheiro á rua;
E, por fim, vendo-se pobre,
Abate a prôa de nobre
Na presença do agiota...
Versos a este não faria,
Mas sómente lhe diria:
Gota a gota o mar se esgota.

Se visse um nobre casado
Com um anjo tentador,
Viver sempre apoquentado
Ao lado do seu primor;
E, feito triste maricas,
Supportar-lhe muitas nicas
Em troco d'alguns carinhos;
Diria á tal excellencia:
Amigo, tenha paciencia;
Não ha rosas sem espinhos.

Quando encontrasse alguns vates
Compondo semsaborias,
E, rimando disparates,
A suar por coisas frias;
Com esses não me zangava,
E, não só lhes perdoava,
Fôra d'elles amiguinho,
— Te os levava ao Isidro:
Quem tem telhados de vidro
Não atira aos do vizinho.

Sonetos.

N'uma tasca dois bebados paçudos,
Tendo em frente de vinho largos copos,
Usando muitas vezes lindos tropos,
Fallavam como quem tem bons estudos:

Políticos não eram façanhudos,
Nem tinham naufragado em taes cachopos;
Discorriam sómente estes Esopos
A'cêrca d'amizade, mui sizudos.

Um dizia, por fim: «é grande amigo
«Aquelle que se expõe á cacheirada
«Para livre me ver d'algum perigo!»

Diz o outro, dando ao copo uma avançada:
«Pois olhe, mestre Ze, sabe o que eu digo?...
«Amigo é quem me paga uma canada.»

Escrevia um janota á sua amada
Versinhos, que julgava primorosos,
E louvava os olhinhos tão formosos
D'aquella a quem chamava a sua fada.

Chamava-lhe uma Venus delicada,
Anjo de trinta mil dentes mimosos;
E cantava com sons fastidiosos
A boquinha, onde amor tinha morada.

Assim dizia no delirio o vate:
«Quem hade resistir ás vozes puras,
«Que saem dos labios teus cor de tomate?!»

Pergunta-lhe o seu bem: «que creaturas
«Escutarão tamanho disparate
«Sem dizer que o autor tem ferraduras?!»

A UM BURRO DE CACILHAS.

Miseravel, e triste animalejo,
Que morres com saudades de cevada,
Não me pregues co'o lombo na calçada,
Onde não vejo rosas, lama vejo:

Sei que não és cavallo de manejo,
Minha pobre bestinha esfomeada;
Não te peço que corras... nada... nada...
Não dar um trambulhão é quanto invejo.

Não trago aguda espora, ou pau de bico,
Bem vês que não te offendo, animalsinho,
Antes choro o andares ao fanico;

E se d'esta eu não quebro o meu focinho,
Em de ti me apeando, meu burrico.
Em paga te darei sopas de vinho.

J. I. D'ABAUJO.